

# A prometida

KIERA CASS

Tradução  
CRISTIAN CLEMENTE

**SÉQUINTE**  
O selo jovem da Companhia das Letras

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

Vinte e um

Vinte e dois

Vinte e três

Vinte e quatro

Vinte e cinco

Vinte e seis

Vinte e sete

Vinte e oito

Vinte e nove

Trinta

Trinta e um

Trinta e dois

Trinta e três

Trinta e quatro

Trinta e cinco

Trinta e seis

*Agradecimentos*

*Sobre a autora*

*Créditos*

OI, LEITORAS! OI, LEITORES!

Faz tempo, né? Estive afastada, escondida no escritório, comendo brownies e trabalhando num monte de projetinhos, um dos quais é este que está nas suas lindas e maravilhosas mãos. É sério, você passa hidratante ou algo assim? Está de parabéns. Bom, queria lhe dar as boas-vindas ao meu novo livro: *A prometida!* Estou muito animada que vocês estão prestes a mergulhar neste mundo, que reúne várias coisas que amo, como o século XVI, garotas fortes que (ainda) não sabem que são fortes, e beijos. Beijos, claro. Sempre.

Ao contrário de Kahlen (de *A sereia*) e America (de *A Seleção*), que já vivem na minha cabeça há milênios, Hollis é uma amiga mais recente. Foi emocionante ir conhecendo essa protagonista do mesmo jeito que conheci as outras: deixando que contasse aos poucos a própria história e que fosse ela mesma em todos os erros e acertos ao longo do caminho. Espero que vocês amem Hollis (e Valentina, Silas, Delia Grace e os outros!) tanto quanto eu. Um parêntesis: terei eu roubado esse nome, Hollis, da bebê da minha vizinha, que nasceu no ano passado? A resposta é sim. Roubei.

Estou muito empolgada para compartilhar mais histórias com vocês! Obrigada por sempre me apoiarem. Vocês são demais! Fiquem de olho porque vem mais por aí!

Com amor,  
Kiera

# A prometida

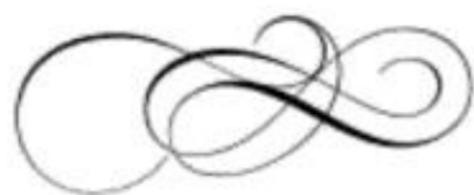
*Para Gerad, meu irmão punk, que me carregaria até o outro lado do  
Serengueti.  
Ou pelo menos é o que ele diz.*



CRÔNICAS DA HISTÓRIA COROANA

LIVRO I

*Assim, coroanos, preservai as leis,  
Pois se abalardes uma, a todas abalareis.*



# Um

ERA AQUELA ÉPOCA DO ANO EM QUE O SOL AINDA NASCIA GELADO. Mas o inverno já estava acabando, e as flores começavam a desabrochar. A promessa de uma nova estação me enchia de expectativas.

— Mal posso esperar pela primavera — suspirei enquanto via os pássaros voarem destemidos contra o azul do céu. Delia Grace amarrou o último laço do meu vestido e me conduziu até a penteadeira.

— Eu também — ela respondeu. — Torneios. Fogueiras. O Dia da Coroação já está chegando...

O tom da voz dela dava a entender que eu deveria estar mais animada, só que ainda tinha minhas reservas.

— Pois é.

Dava para sentir a frustração dela nos movimentos de suas mãos.

— Hollis, com certeza você será a parceira e acompanhante do rei durante os festejos! Não sei como consegue ficar tão calma.

— Graças aos céus temos a atenção do rei este ano — eu disse num tom leve, enquanto ela trançava meu cabelo para trás. — Do contrário,

isto aqui estaria um tédio completo.

— Você fala como se flertar não passasse de um jogo — ela comentou, surpresa.

— Mas é um jogo — insisti. — Logo ele vai seguir em frente, por isso temos que aproveitar enquanto podemos.

Pelo espelho, vi Delia Grace morder o lábio sem desviar os olhos do que fazia.

— Alguma coisa errada? — perguntei.

Ela logo se animou e esboçou um sorriso.

— Nada. Só estou perplexa com seu descaso em relação ao rei. Acho que as intenções dele vão além do que imagina.

Baixei o olhar, tamborilando os dedos no tampo da penteadeira. Eu gostava de Jameson. Seria loucura não gostar. Ele era bonito, rico e, céus, era o rei. Também dançava bem e era uma ótima companhia, quando estava de bom humor. Mas eu não era tola. Eu o tinha observado passar de uma moça para outra ao longo dos meses anteriores. Haviam sido pelo menos sete, contando comigo. Isso considerando apenas os casos de que todos na corte *sabiam*. Minha ideia era aproveitar enquanto pudesse, depois aceitar quem meus pais escolhessem para mim. Pelo menos poderia lembrar daqueles dias quando fosse uma velha entediada.

— Ele ainda é jovem — repliquei afinal. — Não consigo vê-lo assumindo compromissos com *ninguém* pelos próximos anos de trono. Além disso, tenho certeza de que esperam que obtenha alguma vantagem política com o casamento. E não posso oferecer muito nesse quesito.

Uma batida soou à porta, e Delia Grace foi atender, com o rosto cheio de decepção. Dava para notar que ela achava mesmo que eu tinha chance, e imediatamente me senti culpada por ser tão difícil. Em nossos

dez anos de amizade, sempre tínhamos apoiado uma à outra, mas as coisas tinham mudado entre nós nos últimos tempos.

Fazíamos parte da corte, e nossas famílias tinham criadas. Já as mulheres das famílias mais nobres e da realeza tinham damas de companhia. Mais do que empregadas, aquelas damas eram suas confidentes, suas acompanhantes... tudo. Delia Grace assumia o papel sem que eu estivesse em tal posição, convicta de que minha situação mudaria a qualquer momento.

A atitude dela tinha um significado maior do que eu era capaz de expressar, maior do que eu era capaz de encarar. O que é uma amiga senão alguém que acredita que você consegue mais do que imagina?

Ela voltou da porta com uma carta na mão e um brilho no olhar.

— Veio com o selo real — Delia Grace provocou, balançando a carta. — Mas, como não ligamos para o que o rei sente por você, suponho que não haja pressa em abrir.

— Quero ver — eu disse, levantando com a mão estendida. Ela logo puxou a carta para trás. — Sua maldosa! Pode me dar isso?

Delia Grace deu um passo para trás e no segundo seguinte eu já estava correndo atrás dela pelos meus aposentos, às gargalhadas. Consegui encurralá-la duas vezes num canto, mas ela era mais rápida, e escapuliu pelas brechas antes que eu conseguisse pegá-la. Eu já estava quase sem fôlego de tanto correr quando finalmente a agarrei pela cintura. Ela esticou o braço o máximo que pôde para proteger a carta. Talvez eu até conseguisse tomá-la de sua mão, mas bem quando eu estava erguendo o braço, minha mãe abriu as portas que ligavam meus aposentos aos dela. Então veio a bronca.

— Hollis Brite, você perdeu o juízo?!

Delia Grace e eu nos separamos, pusemos as mãos para trás e fizemos uma reverência rápida.

— Ouvi vocês duas gritando feito animais do outro lado da parede. Como podemos esperar encontrar um pretendente para você se insiste nesse tipo de comportamento?

— Desculpa, mãe — murmurei, penitente.

Arrisquei erguer os olhos para ela. Lá estava minha mãe, com a mesma expressão exasperada que costumava estampar no rosto sempre que vinha falar comigo.

— Faz só uma semana que a menina dos Copeland ficou noiva, e os Devaux já estão negociando alguma coisa. Mas você ainda age feito criança.

Engoli em seco, mas Delia Grace nunca foi de ficar calada.

— Não acha que está cedo demais para prometer Hollis a alguém? Ela tem tantas chances quanto as outras de conquistar o coração do rei.

Minha mãe fez o máximo para conter o sorriso condescendente.

— Todas sabemos que os olhos do rei gostam de passear. E não é como se Hollis levasse muito jeito para rainha, não é mesmo? — ela falou, com a sobrancelha bem arqueada, como que nos desafiando a discordar. — Além disso — acrescentou —, acha mesmo que  *você*  está em posição de falar das perspectivas de alguém?

Delia Grace engoliu em seco, com o rosto feito pedra. Eu já a tinha visto usar aquela máscara um milhão de vezes.

— Pois é — minha mãe concluiu. Depois de deixar clara sua decepção conosco, deu meia-volta e saiu.

Soltei um suspiro e me virei para Delia Grace.

— Desculpa.

— Ela não disse nada que eu já não tivesse escutado — Delia Grace reconheceu ao me entregar a carta, afinal. — Também peço desculpas. Não queria criar problemas para você.

Peguei o envelope de sua mão e rompi o selo.

— Tudo bem. Se não fosse por isso, teria sido por outra coisa.

Pela cara de Delia Grace, eu soube que concordava comigo. Comecei a ler o bilhete.

— Ai, ai — disse, apalpando o cabelo solto. — Acho que vou precisar da sua ajuda com outro penteado.

— Por quê?

Lancei um sorriso para ela e balancei a carta como se fosse uma bandeira contra o vento.

— Porque sua majestade solicita nossa presença no rio hoje.

— Quantas pessoas você acha que vão estar lá?

— Vai saber. Ele gosta de estar rodeado por uma multidão.

Retorci os lábios.

— Verdade. Queria ficar sozinha com ele pelo menos uma vez.

— Disse a pessoa que insiste que é tudo um jogo.

Voltei meu olhar para ela e trocamos um sorriso. Delia Grace sempre parecia saber mais do que eu queria admitir.

Viramos no corredor e vimos que as portas já abertas davam as boas-vindas ao recém-chegado sol de primavera. Meu coração acelerou quando vi o manto vermelho com pele de doninha nas bordas pendendo das costas de uma figura esguia mas forte no fim do trajeto. Embora ele não estivesse virado para mim, sua simples presença bastava para preencher o ar com um calor vibrante.

Curvei-me numa ampla reverência.

— Majestade.

E vi um par de sapatos pretos e brilhantes se voltarem para mim.

# Dois

— LADY HOLLIS — O REI DISSE AO ESTENDER A MÃO CHEIA DE anéis. Eu a tomei, levantei e dei com um belo par de olhos mel. Algo na atenção profunda e focada que ele me dispensava sempre que estávamos juntos me deixava com a mesma sensação de quando Delia Grace e eu dançávamos e eu rodopiava rápido demais: meio zonha e ofegante.

— Majestade. Foi um grande prazer receber seu convite. Adoro o rio Colvard.

— Sim, a senhorita mencionou. Viu como lembro? — ele disse, tomando minha mão na sua. Em seguida, baixou a voz. — Também lembro de você comentar que seus pais têm sido um pouco... *autoritários* ultimamente. Mas eu precisava convidá-los por questões de decoro.

Espiei atrás dele e vi que a comitiva era bem maior do que eu esperava. Meus pais estavam presentes, assim como alguns nobres do conselho privado e um monte de outras damas que eu sabia que estavam esperando impacientemente sua vez, assim que Jameson me deixasse de lado. Reparei que Nora me olhava de nariz empinado, com Anna

Sophia e Cecily logo atrás, todas cheias de si, certas de que meu tempo se aproximava do fim.

— Não se preocupe. Seus pais não vão estar na nossa balsa — ele me garantiu. Sorri, grata pela pequena folga, mas infelizmente minha sorte não se estendia à carruagem que nos levaria pelo caminho sinuoso até o rio.

O castelo de Keresken ficava no topo do planalto de Borady, uma visão maravilhosa e inconfundível. Para descermos até o rio, nossas carruagens precisavam costurar lentamente pelas ruas da cidade de Tobbar, capital do reino... O que levava tempo.

Vi os olhos do meu pai brilharem quando ele tomou consciência da oportunidade de ter uma audiência privada com o rei durante o trajeto.

— Então, majestade, como vão as coisas na fronteira? — ele começou. — Ouvi dizer que nossos homens foram forçados a bater em retirada no mês passado.

Tive de me segurar para não revirar os olhos. Por que meu pai achava que lembrar o rei dos nossos fracassos recentes seria uma boa maneira de começar uma conversa? Jameson, porém, tirou aquilo de letra.

— É verdade. Só colocamos soldados na fronteira para manter a paz, então o que eles poderiam fazer sob ataque? Os relatórios dizem que o rei Quinten insiste que o território isoltano se estende até as planícies tiberanas.

Meu pai desdenhou, mas percebi que não estava tão calmo quanto aparentava. Sempre girava o anel de prata em seu dedo indicador quando estava nervoso.

— Aquilo é terra coroana há gerações.

— Exatamente. Mas não tenho medo. Estamos seguros dos ataques aqui, e os coroaos são excelentes soldados.

Olhei pela janela, entediada com a conversa sobre as disputas inconsequentes na fronteira. Jameson em geral era a melhor das

companhias, mas meus pais acabavam com toda a alegria na carruagem.

Não consegui conter um suspiro aliviado quando chegamos ao porto e pude sair daquela cabine abafada.

— A senhorita não estava brincando quanto a seus pais — Jameson disse quando finalmente ficamos a sós.

— São as duas últimas pessoas que eu convidaria para uma comitiva, com certeza.

— E mesmo assim criaram a moça mais encantadora do mundo — ele disse, dando um beijo na minha mão.

Corei e desviei o rosto. Meus olhos se cruzaram com os de Delia Grace, que ia saindo de sua carruagem, seguida por Nora, Cecily e Anna Sophia. Se eu tinha achado minha viagem insuportável, os punhos cerrados dela enquanto caminhava até mim me diziam que a sua tinha sido muito pior.

— O que aconteceu? — cochichei.

— Nada que já não tenha acontecido mil vezes — ela jogou os ombros para trás e endireitou o corpo.

— Pelo menos estaremos juntas no barco — reconfortei-a. — Vamos. Não vai ser divertido ver a cara delas quando você subir no barco do rei?

Fomos até o patamar, e senti uma onda de calor subir pelo meu braço quando o rei Jameson tomou minha mão para me ajudar a embarcar. Como prometido, Delia Grace se juntou a nós, assim como dois dos conselheiros do rei, ao passo que meus pais e os demais convidados foram conduzidos aos vários outros barcos à disposição. O estandarte real se erguia orgulhoso no mastro, e o vermelho intenso de Coroa tremulava rápido, parecendo fogo contra a brisa do rio. Assumi feliz meu assento à direita de Jameson, que manteve os dedos enlaçados aos meus enquanto me ajudava a sentar.

Havia comida à disposição, e peles para que nos cobríssemos caso ficasse frio por conta do vento. Parecia que tudo o que eu era capaz de desejar já estava bem diante de mim. Aquilo ainda me surpreendia: a falta do que quer que fosse quando sentava ao lado de um rei.

À medida que descíamos o rio e o estandarte do rei era visto, as pessoas nas margens paravam e se curvavam, ou gritavam bênçãos a seu soberano. Com toda a compostura, ele lhes respondia acenando a cabeça, sentado totalmente ereto.

Eu sabia que nem todo soberano era bonito, mas Jameson era. Ele cuidava da aparência, mantendo o cabelo escuro sempre curto e a pele bronzeada sempre macia. Era elegante sem ser frívolo, mas gostava de ostentar suas melhores posses. Esse passeio de barco logo no começo da primavera era uma amostra disso.

Eu gostava disso nele, porque no mínimo podia sentar ao seu lado e me sentir parte inegável da realeza.

À margem do rio, perto do lugar onde tinham construído uma ponte nova, erguia-se uma estátua castigada pelo tempo que projetava sua sombra colina abaixo, em direção à água azul-esverdeada. Como ditava a tradição, os cavalheiros nos barcos se levantaram, ao passo que as damas baixaram a cabeça em respeito. Havia livros repletos de histórias da rainha Albrade cavalgando pelo interior do país para repelir os isoltanos enquanto o marido, o rei Shane, estava em Mooreland tratando de assuntos de Estado. Ao retornar, o rei mandara espalharem sete estátuas de sua esposa por Coroa, e a cada agosto todas as moças da corte dançavam com espadas de madeira na mão para recordar a vitória da rainha.

Ao longo da história de Coroa, as rainhas quase sempre eram mais lembradas do que os reis. A rainha Albrade nem era a mais reverenciada de todas. Havia a rainha Honovi, que caminhara até os limites do país e demarcara as fronteiras, abençoando com um beijo as árvores e rochas

que usara de marcos. Até hoje, as pessoas vão até essas pedras — postas pela rainha em pessoa — e as beijam também. A rainha Lahja ficara famosa por cuidar das crianças coroanas no auge da peste isoltana. A doença mortal recebera tal nome porque deixava a pele azul como a bandeira de Isolte. A própria rainha percorrera corajosamente as cidades para procurar crianças sobreviventes e arranjar novas famílias para elas.

A rainha Ramira, mãe de Jameson, tinha ficado conhecida por todo o país por sua bondade. Havia sido o oposto do marido, o rei Marcellus. Enquanto ele tendia a atacar primeiro e nem perguntar depois, ela buscara a paz. Dizia-se que pelo menos três guerras tinham sido evitadas graças a seus argumentos polidos. Os rapazes de Coroa seriam eternamente gratos a ela. E suas mães também.

O legado das rainhas coroanas havia deixado marcas no continente inteiro, e talvez esse fosse mais um dos atrativos de Jameson. Ele não era apenas bonito e rico, não tornaria uma moça apenas uma rainha... mas uma lenda.

— Adoro água — Jameson comentou, trazendo-me de volta à beleza do momento. — Acho que uma das minhas coisas favoritas na infância era navegar até Sabino com meu pai.

— Seu pai era um navegador excelente — Delia Grace comentou, entrando na conversa.

Jameson assentiu, entusiasmado.

— Um de seus muitos talentos. Às vezes acho que herdei mais características da minha mãe do que dele, mas o gosto pela navegação sempre me acompanhou. Isso, e a paixão que ele tinha por viagens. E a senhorita, Lady Hollis? Gosta de viajar?

Dei de ombros.

— Nunca tive muita chance. Passei minha vida inteira entre o castelo de Keresken e o solar Varinger. Mas sempre quis ir a Eradore. —

Suspirei. — Adoro o mar, e me disseram que as praias de lá são de uma beleza ímpar.

— São mesmo. — Ele sorriu e desviou o olhar. — Ouvi dizer que a moda entre os noivos é fazer uma viagem juntos quando se casam. — Ele voltou a olhar nos meus olhos. — Faça questão de que seu marido a leve a Eradore. A senhorita vai ficar radiante naquelas praias brancas.

Jameson desviou o rosto mais uma vez, enfiando amoras na boca como se falar de maridos, viagens e solidão não fosse nada. Olhei para Delia Grace, que retribuiu meu olhar, chocada. Eu tinha certeza de que, quando estivéssemos as duas a sós, analisaríamos cada segundo daquela conversa para tentar entender seu significado.

Será que Jameson quis dizer que na opinião dele eu deveria me casar? Ou tinha sugerido que eu deveria me casar... com ele?

Com tais perguntas na cabeça, me endireitei no assento e olhei para o outro lado do rio. Nora estava lá, no outro barco, com uma expressão amarga no rosto, assistindo a tudo com outras moças infelizes da corte. Conforme eu observava, fui notando que vários pares de olhos não se concentravam na beleza do dia, mas em mim. Contudo, o único par que demonstrava raiva era o de Nora.

Peguei uma amora e atirei contra ela, acertando-a bem no meio do peito. Cecily e Anna Sophia começaram a rir, e o queixo de Nora caiu em choque. Mas ela logo apanhou uma de suas frutas e jogou em mim, e sua expressão mudou para algo próximo da alegria. Com uma risadinha, peguei mais frutas e comecei uma espécie de guerra.

— Hollis, mas que diabos está fazendo? — minha mãe gritou do seu barco, a voz alta o bastante para superar os golpes dos remos contra a água.

Olhei para ela e respondi toda séria:

— Estou defendendo minha honra, claro.

Virei para Nora de novo, não sem antes perceber que Jameson ria baixo a meu lado.

Uma torrente contínua de gargalhadas e amoras fluía de ambos os lados. Fazia tempo que eu não me divertia tanto, até que me inclinei um pouco demais para a frente, na tentativa de fazer um arremesso mais certo, e acabei caindo na água.

Ouvi os suspiros e gritos das pessoas ao meu redor, mas consegui tomar um bom fôlego antes de mergulhar e voltei à superfície sem me engasgar.

— Hollis! — Jameson exclamou com o braço estendido para mim. Eu o agarrei, e em questão de segundos ele me puxou de volta para a segurança do barco. — Hollis, querida, você está bem? Machucou alguma coisa?

— Não — respondi arfante, já tremendo por conta da água fria. — Mas acho que perdi os sapatos.

Jameson olhou para meus pés dentro das meias e caiu na gargalhada.

— Vamos ter que dar um jeito nisso, não é?

Houve risos por todos os lados quando viram que eu estava bem. Jameson tirou o paletó e me cobriu para me manter aquecida.

— De volta para o porto, então — ele ordenou, ainda sorridente. Jameson me puxou para perto e olhou no fundo dos meus olhos. A sensação era de que naquele momento, sem sapatos, com o cabelo bagunçado e encharcada, ele me achava irresistível. No entanto, com meus pais logo atrás e com uma dúzia de nobres circulando por perto, ele se limitou a dar um beijo cálido na minha testa fria.

Foi o bastante para produzir uma série de ondas que percorreram minhas entranhas, e me perguntei se todo momento com ele seria assim. Estava louca para que me beijasse. Sempre que conseguíamos ter um breve momento a sós, eu ficava na esperança de que Jameson me puxasse para si. Mas, por enquanto, nada. Eu sabia que ele tinha beijado

Hannah e Myra; se beijara outras, elas não tinham contado. Eu me perguntava se o fato de Jameson não ter me beijado ainda era um bom ou mau sinal.

— Consegue ficar de pé? — Delia Grace perguntou, me trazendo de volta à realidade ao me ajudar a descer até o cais.

— O vestido pesa bem mais encharcado — reconheci.

— Ai, Hollis. Sinto muito! Não tinha a intenção de fazer você cair!

— Nora exclamou ao desembarcar do navio em que estava.

— Besteira! Foi culpa minha, e aprendi uma lição muito valiosa. De agora em diante, só vou desfrutar do rio da minha janela — respondi com uma piscadela.

Ela riu, e quase deu a impressão de que a risada tinha escapado.

— Tem certeza de que está bem?

— Claro. Talvez meu nariz escorra amanhã, mas estou bem. Leve como a garoa, e duas vezes mais molhada. Não estou chateada, prometo.

Nora abriu um sorriso que pareceu autêntico.

— Aqui, deixa que te ajudo — ela se ofereceu.

— Eu cuido dela — Delia Grace a cortou.

O sorriso de Nora desapareceu no ato, e ela passou da simpatia para uma irritação inimaginável.

— Claro que cuida, tenho certeza. Já que *uma moça como você* jamais teria a chance de atrair a atenção de Jameson por si só, ficar agarrada na saia de Hollis é a melhor coisa que pode fazer. — Ela arqueou a sobrancelha e nos deu as costas. — Eu seguraria bem forte no seu lugar.

Abri a boca para dizer a Nora que Delia Grace não tinha culpa pela própria situação, mas senti uma mão no peito me impedir.

— Jameson pode ouvir — Delia Grace disse por entre os dentes. — Vamos embora.

A mágoa em sua voz era inconfundível, mas ela tinha razão. Homens lutavam em campo aberto; mulheres, por trás dos leques. Me agarrei firme a Delia Grace ao longo do trajeto de volta ao palácio. Depois de tanta humilhação numa só tarde, me perguntava se ela não ia querer passar o dia seguinte reclusa. Tinha feito aquilo muitas vezes quando éramos mais jovens e seu coração não aguentava ouvir nem mais uma palavra.

Mas na manhã seguinte ela estava no meu quarto, calada, ajeitando meu cabelo em outro penteado intrincado. No meio do processo, alguém bateu na porta. Quando Delia Grace a abriu, deparou com um exército de criadas com buquês e mais buquês das primeiras flores da primavera.

— Mas o que significa isso? — Delia Grace perguntou, com um gesto para que elas pusessem as flores em qualquer superfície livre que conseguissem encontrar.

Uma criada fez uma reverência para mim e me entregou um bilhete dobrado. Sorrindo, comecei a lê-lo em voz alta:

— “Como talvez esteja gripada e não possa se aventurar pela natureza hoje, achei que a natureza deveria vir até sua rainha.”

Delia Grace arregalou os olhos.

— *Sua rainha?*

Assenti, com o coração disparado.

— Encontre meu vestido dourado, por favor. Acho que o rei merece um agradecimento.

# Três

AVANCEI PELO CORREDOR DE CABEÇA ERGUIDA. DELIA GRACE vinha logo atrás, um pouco à direita. Troquei olhares com outros membros da corte, cumprimentando-os brevemente com sorrisos e acenos de cabeça. A maioria não me deu a menor atenção, o que não era surpresa. Provavelmente pensavam que não valia muito a pena se apegar à mais recente aventura amorosa do rei.

Só quando nos aproximamos do corredor principal que levava ao Grande Salão ouvi algo que deixou meus nervos à flor da pele.

— É dessa que eu estava falando — uma mulher cochichou alto com a amiga, num tom que tornava impossível pensar que havia me elogiado.

Me detive no ato e virei para Delia Grace. Seu olhar de soslaio me dizia que ela também tinha ouvido e que não sabia o que pensar daquilo. Era possível que as duas estivessem falando dela. De sua família, de seu pai. Mas as fofocas sobre Delia Grace já não eram novidade, e as provocações costumavam ser exclusividade de jovens senhoritas à

procura de alguém para humilhar; os demais procuravam histórias mais recentes e empolgantes.

Histórias como as que podiam envolver a mais nova favorita do rei Jameson.

— Respire — Delia Grace ordenou. — O rei vai querer ver que você está bem.

Levei a mão à orelha para conferir se a flor que tinha posto ali ainda estava no lugar. Ajeitei o vestido e continuei andando. Delia Grace tinha razão, claro. Ela mesma usava a mesma estratégia havia anos.

Quando enfim adentramos o Grande Salão, todos os olhares eram de uma inconfundível reprovação. Tentei manter o rosto inabalado, mas por dentro eu estava um caos.

Apoiado na parede, de braços cruzados, um homem balançava a cabeça.

— Seria uma vergonha para o país inteiro — alguém murmurou ao passar por mim.

De canto de olho, avistei Nora. Indo contra todos os instintos que tinha até o dia anterior, fui até ela. Delia Grace me seguiu, feito uma sombra.

— Bom dia, Lady Nora. Não sei se notou, mas algumas pessoas hoje estão... — Não consegui encontrar a palavra.

— Estão — ela comentou baixo. — Parece que alguém que estava conosco na excursão contou sobre nossa pequena guerra. Aparentemente, ninguém está irritado *comigo*, mas não sou a favorita do rei, claro.

Engoli em seco.

— Ao longo do último ano sua majestade tem passado de uma moça a outra como se não fosse nada. É improvável que queira minha companhia por muito mais tempo. Qual é o problema, então?

Nora fez uma careta.

— Ele levou você para fora do palácio. Deixou que sentasse sob a bandeira dele. Por mais informal que lhe pareça, o dia de ontem foi inédito no que diz respeito às interações do rei com as mulheres até agora.

*Ah.*

— São os lordes, não são? — Delia Grace perguntou a Nora. — Os membros do conselho?

Na primeira interação polida entre as duas em todos os anos desde que as conheci, Nora respondeu com um aceno rápido e simpático de cabeça.

— O que isso quer dizer? — perguntei. — Por que o rei se importaria com o que os outros pensam?

Delia Grace, que sempre foi mais dedicada do que eu nos estudos de governo e protocolo, fez uma cara quase de enfado.

— Os lordes governam seus condados em nome do rei. Sua majestade depende deles.

— Se o rei quer paz nos confins do país e espera que os impostos sejam coletados direito, precisa da ajuda dos lordes do conselho — Nora acrescentou. — Se eles não gostarem muito do caminhar das coisas... bom, digamos que talvez fiquem com preguiça de trabalhar.

Ah. Então o rei podia perder tanto renda como segurança se cometesse o erro tolo de se aliar a alguém de quem os lordes não gostassem. Alguém como uma moça que caíra no rio ao atirar uma fruta em outra garota, diante da estátua que honrava uma das maiores rainhas que o país já teve.

Por uma fração de segundo, me vi completamente esmagada pela humilhação. Eu tinha enxergado coisa demais nas palavras de Jameson, nas atenções que ele me dava. Chegara a pensar que tinha chances reais de ser rainha.

Mas logo lembrei: sempre soube que não seria rainha.

Claro, seria divertido ser a mulher mais rica de toda a Coroa, ver estátuas erguidas em minha honra... mas aquilo não era realista, e com certeza Jameson estava a apenas alguns instantes de ser arrebatado por outro belo sorriso. O melhor que eu podia fazer era desfrutar das sofisticadas investidas dele enquanto durassem.

Tomei a mão de Nora e a encarei.

— Obrigada. Pelo pouquinho de diversão ontem e também pela sinceridade agora. Estou em dívida com você.

Ela sorriu.

— O Dia da Coroação é daqui a algumas semanas. Se você e o rei ainda estiverem próximos, imagino que vá fazer uma dança para ele. Se for o caso, gostaria de participar.

Um monte de garotas dançava no Dia da Coroação, na esperança de conquistar favores honrando o rei. Eu imaginava que, se Jameson ainda tivesse interesse em mim, esperariam que eu também preparasse algo. Pelo que lembrava, os movimentos de Nora eram muito graciosos.

— Vou querer toda a ajuda que conseguir. Com certeza você poderia participar.

Gesticulei para que Delia Grace voltasse a me seguir.

— Vamos. Preciso agradecer ao rei.

— Você enlouqueceu? — ela cochichou, chocada. — Não vai deixar Nora dançar com a gente, vai?

Virei para ela, incrédula.

— Nora acabou de ser muito generosa comigo. E foi educada com você. É só uma dança, e ela tem leveza nos pés. Vai fazer todas nós nos sairmos melhor.

— As ações de hoje estão longe de compensar os erros que ela cometeu no passado.

— Estamos crescendo — eu disse. — As coisas mudam.

Seu rosto mostrava que meu comentário não a tranquilizara nem um pouco, mas Delia Grace permaneceu em silêncio à medida que avançávamos em meio à multidão ali presente.

O rei Jameson estava na plataforma de pedra erguida na ponta do Grande Salão. Era um espaço amplo, construído para ser ocupado pela realeza, mas naquele momento abrigava apenas um trono solitário, com um assento pequeno de cada lado para os convidados mais importantes que o rei estivesse recebendo.

O Grande Salão era usado para tudo: recepção de convidados, bailes e até mesmo para os jantares de todas as noites. Na parede leste, acompanhando os degraus que subiam para o mezanino onde ficavam os músicos, havia uma fileira de janelas altas que deixavam a luz do sol entrar. Mas era a parede oeste que atraía meu olhar sempre que eu entrava ali. Seis janelas com vitrais preenchiam toda a sua extensão, indo da altura da minha cintura até o teto. Os vitrais retratavam maravilhosas cenas da história de Coroa e despejavam cor e luz por todo o ambiente.

Uma janela mostrava a coroação de Estus, outra trazia mulheres dançando num campo. Um dos painéis originais fora destruído numa guerra e logo substituído por uma cena do rei Telau ajoelhando-se diante da rainha Thenelope. Talvez aquele fosse meu favorito entre os seis. Eu não sabia ao certo qual tinha sido o papel dela na nossa história, mas Thenelope merecera ser imortalizada no cômodo onde acontecia tudo o que era importante no dia a dia do palácio, o que por si só já era impressionante.

Grandes mesas eram trazidas e retiradas do salão para o jantar, e as pessoas iam e vinham, mas as janelas e a plataforma permaneciam ali. Meu olhar passou das representações dos reis passados para o que ocupava o trono agora. Vi que estava envolvido numa discussão séria com um de seus lordes, mas quando vislumbrou o dourado do meu vestido, se voltou para mim por um segundo. Em seguida, ao perceber

que era eu, Jameson dispensou o homem no ato. Me curvei e me aproximei do trono para receber as boas-vindas de suas mãos belas e quentes.

— Lady Hollis. — Ele balançou a cabeça. — A senhorita é o sol nascente. Belíssima.

Ao ouvir essas palavras, toda a minha determinação se desfez. Como eu podia ter certeza de que aquilo não significava nada com ele me olhando daquele jeito? Eu não tinha prestado muita atenção na forma como se relacionava com as outras; na época, não achei que seria importante. Mas para mim aquilo parecia único, incluindo o jeito como roçava o polegar na minha mão, como se não quisesse se limitar a só um trecho da minha pele.

— Vossa majestade é muito generoso — respondi, enfim, baixando a cabeça. — Não apenas por essas palavras, mas também pelos presentes. Queria agradecer pelo jardim inteiro que enviou para o meu quarto — eu disse, direta, o que o fez rir. — E queria que soubesse que estou bem.

— Excelente. Então vai jantar comigo esta noite.

Senti meu estômago se contorcer.

— Majestade?

— Assim como seus pais, claro. Estou precisando trocar de companhia.

Curvei-me de novo.

— Como desejar.

Reparei que havia outras pessoas à espera da atenção dele, então logo me afastei, toda alegre. Estendi a mão para Delia Grace e me apoiei nela.

— Você vai sentar ao lado do rei, Hollis — ela cochichou.

— Vou. — Só de pensar nisso perdi o fôlego, como se tivesse corrido pelo jardim.

— E seus pais também. Ele ainda não fez nada assim.

Apertei ainda mais a mão dela.

— Eu sei. Será... será que devíamos contar a eles?

Olhei bem para os olhos perspicazes de Delia Grace, capazes de enxergar meu entusiasmo e meu medo simultâneos, olhos que viam que eu não entendia o que estava acontecendo.

Aqueles mesmos olhos brilharam quando ela sorriu.

— Acho que uma dama da sua importância devia apenas providenciar o envio de uma carta.

Sáímos rindo do salão, sem nos preocupar com os olhares ou comentários dos outros. Eu ainda não estava totalmente convicta das intenções de Jameson, e sabia que os membros da corte não estavam contentes com a minha presença. Mas nada daquilo importava. Naquela noite, eu jantaria ao lado de um rei. E isso era motivo para comemorar.

Delia Grace e eu ficamos no quarto, cumprindo o tempo de leitura que ela insistia que tivéssemos todos os dias. Seus interesses eram variados: história, mitologia e os grandes filósofos. Eu preferia romances. Geralmente, acabava transportada para os lugares das páginas dos livros, mas naquele dia meus ouvidos estavam mais alertas do que nunca. Eu estava na escuta, olhando para a porta de tempo em tempo, à espera de que eles entrassem com tudo.

Quando finalmente cheguei a um trecho interessante da leitura, as portas se escancararam.

— Isso é piada? — meu pai perguntou, num tom de voz que não era de raiva, mas surpreendentemente esperançoso.

Balancei a cabeça em negativa.

— Não, senhor. O rei fez o convite hoje de manhã. O senhor parecia tão ocupado que achei mais adequado avisar por carta.

Lancei um olhar cúmplice para Delia Grace, que fingia ainda estar imersa na leitura.

Minha mãe engoliu em seco.

— Vamos todos jantar com o rei hoje à noite? — ela perguntou, o corpo incapaz de ficar parado.

Confirmei com a cabeça.

— Sim. A senhora, papai e eu. Vou precisar que Delia Grace me acompanhe, por isso pensei que a mãe dela poderia se juntar a nós também.

Ao ouvir isso, os movimentos inquietos de minha mãe cessaram. Meu pai fechou os olhos, gesto que eu reconhecia das muitas vezes em que desejara pensar bem as palavras antes de pronunciá-las.

— Imagino que prefira ter apenas a companhia de sua família em uma ocasião tão solene.

Abri um sorriso.

— Há lugar para todos na mesa do rei. Não acho que vá fazer diferença.

Minha mãe me olhou, de nariz empinado.

— Delia Grace, pode se retirar para conversarmos a sós com nossa filha?

Eu e Delia Grace trocamos um olhar cansado. Ela fechou seu livro e o deixou em cima da mesa antes de sair.

— Francamente, mãe!

Com movimentos rápidos, minha mãe se aproximou e assomou à minha frente.

— Isto aqui não é um jogo, Hollis. Essa menina está manchada, não devia andar com você. No começo, parecia um gesto bonito, quase caridade. Mas agora... você tem que cortar os laços.

Fiquei boquiaberta.

— Não vou cortar nada! Ela é minha melhor amiga na corte.

— É uma bastarda! — minha mãe sibilou.

Engoli em seco.

— Isso é boato. A mãe dela jurou que foi fiel. Lorde Domnall só acusou a mãe de Delia Grace quando ela já estava com oito anos, para conseguir o divórcio.

— Não importa. Um divórcio já é motivo suficiente para você se afastar dela! — minha mãe argumentou.

— Não é culpa dela!

— Você está certíssima, querida — acrescentou meu pai, ignorando-me e dirigindo-se à minha mãe. — Se a mãe dela não tem sangue ruim, o pai tem. Divorciado... — Ele balançou a cabeça. — E ainda por cima fugiu com outra logo em seguida.

Soltei um suspiro. Coroa era uma terra de leis. Muitas delas eram focadas na família e no casamento. No melhor dos casos, cometer adultério faria a pessoa ser exilada. No pior, ela era levada para a torre. O divórcio era uma coisa tão rara que eu mesma jamais vira um acontecer. Mas Delia Grace já.

O pai dela alegara que a esposa, Lady Clara Domnall, havia tido um caso do qual nascera sua única filha, Delia Grace. Com base na acusação, solicitara e recebera a autorização para se divorciar. Mas três meses depois ele fugira com outra mulher, passando os títulos que Delia Grace deveria herdar à nova esposa e aos filhos que viessem a ter juntos. E de que valiam os títulos diante de tal reputação? A fuga significava a desaprovação generalizada e era considerada um último recurso, tanto que alguns casais decidiam se separar para não ter de tomar uma medida tão desesperada.

Ainda parte da nobreza por nascimento, Lady Clara retomara o nome de solteira e levava sua filha para a corte, a fim de que pudesse crescer sob a influência de seus pares. No entanto, aquilo representara um tormento sem fim.

Eu sempre considerei toda aquela história questionável. Se Lorde Domnall desconfiava da fidelidade da esposa e pensava que Delia Grace não era sua filha, por que havia esperado oito anos para se manifestar? Nunca tivera qualquer prova que sustentasse suas alegações, mas o divórcio lhe fora concedido mesmo assim. Delia Grace me dissera que ele devia estar muito apaixonado pela mulher com quem fugira. Tentei desfazer suas ideias, mas ela insistiu.

— Ele a amava mais do que a mim e à minha mãe juntas. Por que uma pessoa partiria por alguém de quem gostasse menos? — A expressão em seu olhar era tão decidida que não fui capaz de contra-argumentar, e nunca mais toquei no assunto.

Nem precisava. Metade do palácio o fazia por nós. E, quando não julgavam Delia Grace na cara dela, julgavam em pensamento. Meus pais eram prova disso.

— Vocês estão afobados demais — insisti. — Foi muita generosidade do rei nos convidar para jantar, mas isso não quer dizer que vai dar em alguma coisa. E, ainda que dê, depois de todo esse tempo, será que Delia Grace, que sempre foi um modelo de perfeição na corte, não merece estar ao meu lado?

Meu pai bufou.

— As pessoas já estão julgando sua leviandade no rio. Quer dar mais munição a elas?

Larguei as mãos no colo, chegando à conclusão de que não fazia sentido argumentar com meus pais. Será que nunca ganharia deles numa discussão? O mais próximo que eu chegava era quando Delia Grace estava do meu lado.

Era isso!

Soltei um suspiro e levantei o olhar para meus pais, cujos rostos seguiam irredutíveis.

— Entendo a preocupação de vocês, mas talvez não devêssemos levar em conta apenas nossos desejos — sugeri.

— Não devo nada àquela menina escandalosa — minha mãe disparou.

— Não. Estou falando do rei.

Ao ouvir aquilo, eles se calaram. Por fim, meu pai arriscou falar:

— Explique-se.

— Só queria dizer que sua majestade tem demonstrado grande afeto por mim, e uma das coisas que deixam meu dia mais leve é a companhia de Delia Grace. Além disso, Jameson é muito mais compassivo que o pai e talvez compreenda os motivos de eu tê-la tomado sob minha asa. Com sua permissão, gostaria de propor a questão a ele.

Eu tinha escolhido as palavras com cuidado, medido o tom. Não havia como me acusarem de mal-humorada ou birrenta, e não havia como fingirem que tinham mais autoridade que o rei.

— Muito bem — meu pai disse. — Por que não perguntamos hoje à noite? Mas ela não está convidada a sentar conosco. Não dessa vez.

Concordei com a cabeça.

— Vou escrever para ela explicando tudo. Com licença. — Mantive meu ar sereno e peguei um pergaminho na escrivaninha. Os dois saíram, aparentando confusão.

Quando a porta se fechou, ri comigo mesma.

*Delia Grace,*

*Sinto muito, mas meus pais bateram o pé por causa do jantar de hoje. Não entre em pânico! Tenho um plano para manter você sempre ao meu lado. Venha me encontrar mais tarde hoje à noite e explicarei tudo. Coragem, amiga querida!*

*Hollis*

Continuei sendo alvo de olhares de julgamento a caminho do jantar, mas percebi que pouco me importava. Como Delia Grace conseguia sobreviver a esse tipo de vigilância constante? E desde tão nova?

Apesar de tudo, meus pais não se importavam com os olhares. Caminhavam como se estivessem exibindo uma égua puro-sangue que tinham acabado de herdar, o que só atraía ainda mais a atenção.

Minha mãe virou para mim e conferiu tudo mais uma vez, apesar de já estarmos perto da mesa principal. Eu tinha ficado com o vestido dourado, e ela me deixara tomar emprestada uma de suas tiaras, de modo que havia um cordão de joias no meu cabelo dourado.

— Não está se destacando tanto — ela disse, com os olhos na tiara. — Não sei como seu cabelo foi sair tão loiro. Isso estraga a aparência das joias na sua cabeça.

— Não posso fazer nada a respeito — comentei. Como se eu já não soubesse. Meu cabelo era um ou dois tons mais claro do que o da maioria das pessoas, e não foram poucos ao longo da minha vida a notar.

— É culpa do seu pai.

— Acho que não — ele rebateu.

Engoli em seco ao perceber que a tensão começava a se apoderar deles. Nossa família seguia à risca a regra de que qualquer troca de farpas devia se restringir à privacidade de nossos aposentos. Os dois se lembraram daquilo de repente e engoliram suas amarguras quando nos aproximamos da mesa principal.

— Majestade — meu pai saudou com um sorriso largo e falso no rosto. Mas Jameson praticamente não notou a presença deles. Seus olhos se detinham em mim.

Fiz uma reverência, incapaz de desviar o rosto.

— Majestade.

— Lady Hollis, Lorde e Lady Brite. Parecem animados. Venham sentar, por favor.

Ele estendeu a mão num gesto para que passássemos para o outro lado da mesa. Minha respiração acelerou quando sentei ao lado do rei. Eu já estava quase chorando de alegria quando ele beijou minha mão. Ao me virar para a frente, vi o Grande Salão como nunca.

Dali da plataforma era fácil enxergar o rosto de todos e observar como a hierarquia ditava a disposição dos lugares. Para minha surpresa, enquanto toda a atenção recebida pelo caminho tinha me deixado desconfortável, receber aqueles mesmos olhares ao lado de Jameson me deixava empolgada. Ali, eu identificava o mesmo pensamento em cada par de olhos: *Queria estar no lugar dela.*

Depois de passar alguns instantes silenciosos olhando nos meus olhos, Jameson respirou fundo e se virou para meu pai.

— Lorde Brite, ouvi dizer que sua propriedade está entre as mais belas de Coroa.

Meu pai estufou o peito.

— Tendo a concordar. Contamos com um jardim magnífico e terras boas e aprazíveis. Temos até uma árvore com um balanço de madeira em que brinquei quando criança. A própria Hollis já subiu pelas cordas dele uma vez — ele disse, depois fez uma careta como se tivesse se arrependido. — Mas é difícil arranjar tempo para voltar diante da beleza de Keresken. Especialmente durante os feriados. O Dia da Coroa aqui é incomparável.

— Imagino. Ainda assim, gostaria de conhecer sua propriedade um dia.

— Sua majestade é sempre bem-vindo — minha mãe estendeu a mão e tocou o braço de meu pai. A visita de um membro da realeza envolvia um monte de dinheiro e preparativos, mas era uma vitória para qualquer família que a recebesse.

Jameson se voltou para mim mais uma vez.

— Então a senhorita subiu as cordas do balanço?

Abri um sorriso e recordei com carinho aquele momento.

— Vi um ninho e senti muita vontade de ser um pássaro. Não seria ótimo poder voar? Por isso decidi morar lá, com a mamãe pássaro, para ver se ela me acolhia em sua família.

— E?

— Levei uma bronca por rasgar meu vestido.

O rei soltou uma sonora gargalhada que atraiu a atenção da maioria dos presentes. Senti o calor de mil olhos sobre mim, mas só conseguia pensar nos dele. Ruguinhas delicadas se formaram no canto dos olhos do rei, que se iluminavam de alegria; era lindo.

Eu era capaz de fazer Jameson rir, e pouquíssimas pessoas tinham tamanho talento. Impressionava-me que uma historinha tão boba o divertisse tanto.

A verdade era que eu tinha subido as cordas do balanço muitas vezes, mas nunca chegara muito alto, em parte por temer a altura e em parte por temer as broncas de meu pai. Mas lembrava daquele dia em especial: da mamãe pássaro com os filhotes, voando para pegar comida para eles. Parecia tão preocupada com os filhos, tão disposta a atender às necessidades deles. Mais tarde, me perguntei quão desesperada devia estar naquela época para desejar ser filha de um passarinho.

— Sabe o que quero, Hollis? Quero contratar alguém para nos seguir e registrar cada palavra que pronuncia. Cada elogio, cada história. A senhorita me diverte ao extremo, e não quero esquecer de nem um segundo. Estou ansioso pelas histórias que vai contar no jantar amanhã.

O sorriso voltou a meu rosto. Amanhã. Então Jameson pretendia me manter ao seu lado por enquanto.

— Então precisa me contar todas as suas histórias também. Quero saber tudo — eu disse, apoiando a cabeça na mão, à espera.

Os lábios de Jameson ergueram-se num sorrisinho malicioso.

— Não se preocupe, Hollis. Logo vai saber de tudo.

# Quatro

— POR QUE NÃO FOI AO JANTAR? PODIA TER COMPARECIDO MESMO assim — perguntei, abraçando Delia Grace. Os corredores do palácio estavam vazios, o que fazia nossas vozes ecoarem mais do que de costume.

— Achei que seria mais fácil não aparecer do que sentar com a minha mãe e explicar por que não estava com você pela primeira vez em dez anos.

Fechei a cara.

— Meus pais... Às vezes acho que eles são tão metidos que não querem ser vistos nem comigo.

Delia Grace riu baixinho.

— Então eles ordenaram que eu ficasse longe?

Cruzei os braços.

— Se ordenaram ou não, não importa. Porque Jameson disse que você pode estar sempre ao meu lado.

O rosto dela se iluminou.

— Sério?

Confirmei.

— Depois que você saiu, meus pais vieram pedir que eu cortasse nossas relações. Como se eu pudesse encontrar amiga melhor! Mas eu calmamente recordei a eles que você me ajuda todos os dias, e que se isso agrada o rei, os dois deviam se contentar. Bom, é claro que minha mãe levantou o assunto no jantar, citando sua reputação, como se você tivesse alguma coisa a ver com a história.

Delia Grace fez uma cara de tédio.

— Isso é a cara dela.

— Mas ouça, ouça! Jameson perguntou: “Ela é uma amiga tão boa assim?”. E eu respondi: “Só fica atrás de vossa majestade”, com uma piscadela.

— O rei *ama* ser bajulado — ela comentou enquanto cruzava os braços, à espera de mais.

— Eu sei. Aí ele perguntou: “Você me considera mesmo seu amigo, Hollis, querida?”. E eu... Nem consigo acreditar que tive coragem de fazer isso na frente de tanta gente... Eu tomei a mão dele e a beijei.

— Não! — ela sussurrou, empolgada.

— Foi! E disse: “Não há ninguém neste mundo que me mostre tanto respeito e carinho como vossa majestade... mas Delia Grace chega perto”. Ele me encarou por um segundo e, ai, acho que teria me beijado se estivéssemos a sós. Então disse: “Se isso deixa Lady Hollis feliz, que Delia Grace continue ao seu lado”. E ponto final.

— Ah, Hollis! — ela atirou os braços ao meu redor.

— Então pronto. Quero ver meus pais conseguirem contornar isso.

— Tenho certeza que vão tentar. — Ela balançou a cabeça. — Mas parece que o rei está disposto a dar tudo o que você quiser.

Baixei os olhos.

— Eu só queria ter certeza do que *ele* quer — suspirei. — Mas, mesmo se tivesse, não sei como conquistar as pessoas, e preciso fazer isso para deixar os lordes felizes com a escolha dele.

Delia Grace franziu a testa, pensativa.

— Vá dormir. Nos encontramos no seu quarto de manhã. Vamos pensar em algo.

Ela teria um plano. Quando Delia Grace não tinha? Dei-lhe um abraço e um beijo na bochecha.

— Boa noite.

Na manhã seguinte, acordei me sentindo tudo menos renovada. Tinha passado a noite com a cabeça a mil, e tudo o que queria era conversar sobre cada um dos meus pensamentos e puxar as pontas soltas até desfazer todos os nós.

Ainda não conseguia acreditar que Jameson pudesse querer me tornar sua rainha. Quanto mais pensava se era ou não uma possibilidade real, mais me empolgava com a ideia. Se ao menos conseguisse fazer algo para deixar as pessoas confortáveis com essa escolha, poderia ser idolatrada também. O povo beijaria os lugares que eu tivesse visitado, como fazia com a rainha Honovi, ou realizaria festivais em minha honra, como fazia para a rainha Albrade. Com exceção da rainha Thenelope, ela própria nascida na realeza, todas as outras tinham sido coroanas como eu. Todas haviam vindo de boas famílias, todas tinham sido aclamadas, todas haviam deixado uma marca na história... Talvez eu pudesse seguir o mesmo caminho.

Delia Grace entrou com um punhado de livros enquanto eu ainda estava na cama em posição fetal.

— Você acha que vida de rainha significa dormir até tarde, é? — ela brincou. Notei uma vaga pontada nas palavras dela, mas decidi deixar

para lá.

— Não dormi bem.

— Bom, espero que esteja pronta para trabalhar mesmo assim. Temos muito o que estudar.

Ela foi até a penteadeira e espichou o pescoço; era seu jeito de me chamar para sentar.

— Estudar o quê? — eu disse, me aproximando e deixando que tirasse meu cabelo do rosto.

— Em dança e simpatia, você é capaz de superar qualquer outra nobre. Mas seu conhecimento de relações internacionais é parco, e se quer convencer os lordes do conselho de que é uma escolha séria, precisará ser capaz de discutir política com eles.

Engoli em seco.

— Concordo. E então, o que fazemos? Acho que se precisar aturar aulas de algum tutor velho e chato vou acabar morrendo.

Delia Grace fez um coque simples no meu cabelo e prendeu rapidamente com grampos, deixando o resto dele solto.

— Eu posso ajudar. Tenho alguns livros, e o rei certamente disponibilizará qualquer coisa que eu não tenha.

Assenti. Se Jameson tinha mesmo a intenção de me tomar por noiva, ia querer que eu recebesse toda a educação possível.

— Idiomas também — Delia Grace acrescentou. — Você vai precisar aprender pelo menos mais um.

— Sou péssima em idiomas! Como vou... — Soltei um suspiro. — Você está certa. Não quero ficar completamente perdida se um dia visitarmos Catal.

— Como está sua geografia? — ela perguntou.

— Boa o suficiente. Vou me vestir — disse, levantando com um salto para ir até o guarda-roupa.

— Sugiro algo no vermelho coroano.

Levantei o indicador.

— Boa ideia.

Tentei pensar em outras coisas, pequenas e estratégicas, a que pudéssemos recorrer para angariar apoio, mas conforme Delia Grace tinha bem ressaltado, eu era bem melhor em entreter do que planejar. Quando ela terminou de apertar o último cordão às costas do meu vestido, bateram na porta.

Delia Grace concluiu o laço e foi atender enquanto eu me olhava no espelho para garantir que estava tudo no lugar antes que o visitante entrasse.

Lorde Seema estava à porta, com a cara de que havia acabado de chupar um limão.

Me curvei no ato, na esperança de que meu rosto não denunciasse meu choque.

— A que devo a honra, milorde?

Ele corria os dedos tensos pelo papel em suas mãos.

— Lady Hollis, não pude deixar de notar que tem recebido uma atenção especial do rei nas últimas semanas.

— Não estou certa quanto a isso — me esquivei. — Sua majestade tem sido muito gentil comigo, mas não sou capaz de afirmar mais nada.

Ele passou os olhos pelo quarto, aparentemente desejando estar acompanhado de outro cavalheiro com quem compartilhar o momento. Como não encontrou ninguém digno de tal coisa, soltou um suspiro e continuou.

— Não sei dizer se a senhorita finge ignorância ou se não sabe mesmo. Em todo caso, *tem* a atenção dele, e espero que possa me fazer um favor.

Meus olhos saltaram para Delia Grace, que arqueou as sobrancelhas como quem diz: “Vá em frente!”. Juntei as mãos diante do corpo na

esperança de parecer modesta e atenta. Se eu precisava aprender mais sobre a política da corte, aquela seria uma ótima oportunidade.

— Não posso prometer nada, senhor, mas, por favor, diga-me a que veio.

Lorde Seema desdobrou seus papéis e os entregou a mim.

— Como sabe, a província de Upchurch fica no extremo de Coroa. Para chegar lá, e a Royston ou Bern, é preciso tomar algumas das estradas mais velhas do país, que foram abertas à medida que nossos ancestrais avançavam lentamente rumo às florestas e aos campos no fim do nosso território.

— Sim — eu disse. Lembrava pelo menos um pouco da história de Coroa.

— Essas estradas carecem demais de reparos. Tenho ótimas carruagens, e mesmo elas penam. A senhorita pode imaginar o peso que a situação põe nos ombros dos mais pobres da minha região, sempre que precisam viajar à capital por algum motivo.

— Claro.

O argumento dele era bom. No solar Varinger, na minha província, também tínhamos terras cultivadas, e as famílias que moravam ali nos pagavam aluguel em dinheiro e bens. Eu tinha visto seus cavalos velhos e carroças desgastadas. Já seria um desafio vir de lá até o castelo assim, embora nossa província fosse mais próxima. Não conseguia imaginar alguém tentando o mesmo saindo dos confins do país.

— Qual é seu objetivo, senhor? — perguntei.

— Gostaria que alguém da realeza inspecionasse todas as estradas de Coroa. Tentei mencionar o assunto à sua majestade duas vezes neste ano, mas ele o pôs de lado. Pergunto-me se a senhorita não poderia... encorajá-lo a tornar isso uma prioridade.

Respirei fundo. Céus, como eu ia conseguir uma coisa dessas?

Dei uma olhada nos papéis que não tinha esperança de compreender antes de devolvê-los a Lorde Seema.

— Se eu conseguir fazer o rei priorizar isso, pediria um favor em retribuição.

— Não esperava menos — ele respondeu, cruzando os braços.

— Se o projeto avançar — comecei, devagar —, gostaria que falasse com simpatia de mim a qualquer um que mencionar meu nome ao senhor. E, caso venha a comentar nosso encontro com os outros lordes, poderia ter a gentileza de lhes dizer que o recebi com cortesia?

Ele sorriu.

— Lady Hollis, a senhorita fala como se eu fosse precisar mentir. Dou minha palavra.

— Então farei tudo o que puder para ajudar esse projeto tão nobre.

Satisfeito, ele se curvou diante de mim e se retirou. Quando a porta se fechou, Delia Grace teve um ataque de riso.

— Hollis, percebe o que isso quer dizer?

— Que vou ter que dar um jeito de fazer o rei ligar para umas estradas velhas? — arrisquei.

— Não! Um lorde do *conselho privado* acabou de vir pedir um favor a você. Percebe quanto poder já tem?

Fiz uma pausa para digerir aquilo.

— Hollis — ela disse, com um sorriso malicioso —, já começamos a subir!

Dessa vez, quando adentrei o Grande Salão para o jantar e Jameson gesticulou para que me aproximasse da mesa principal, Delia Grace foi comigo. Meus pais já estavam à esquerda do rei, falando até não poder mais, então teria um tempo para pensar em como inserir a manutenção das estradas na conversa.

— Como vou fazer isso? — perguntei baixo para Delia Grace.

— Ninguém disse que precisa ser hoje. Pense mais no assunto.

Eu não sabia explicar direito, mas a questão me parecia maior do que simplesmente ganhar a fidelidade de Lorde Seema. Queria que Jameson me considerasse uma pessoa séria. Queria que soubesse que eu podia ser sua companheira, que era capaz de lidar com decisões importantes. Se ele visse isso... o pedido de casamento não estaria muito longe.

Enquanto Delia Grace e eu ouvíamos meus pais falarem sem parar de como a tiara favorita de minha mãe desaparecera no último Dia da Coroação e da esperança dela de que o culpado aparecesse esse ano para que enfim pudesse recuperá-la, lembrei de como a conversa tinha fluído fácil na noite anterior. Como eu teria dito algo na ocasião? Uma faísca de ideia surgiu na minha cabeça, e esperei minha mãe cessar o falatório e dar uma folga ao rei.

— Tive uma ideia — comecei com doçura. — Lembra do meu velho balanço no solar Varinger?

Jameson sorriu, achando graça.

— O que tem ele?

— Acho que gostaria de voltar lá, para que as mãos mais fortes do país inteiro me empurrassem. Talvez assim eu finalmente me sentisse como um pássaro — provoquei.

— Eis uma ideia realmente encantadora.

— Há muitos lugares em Coroa que eu gostaria de ver ao seu lado — continuei.

O rei concordou com a cabeça, sério.

— Como deve ser! Cada vez mais acredito que a senhorita precisa ser bem versada em toda a história de Coroa.

Era mais um item na lista de coisas ditas pelo rei que me faziam pensar que ele me queria como sua rainha.

— Ouvi dizer que as montanhas do norte são tão lindas que enchem os olhos de lágrimas.

Jameson concordou.

— A maneira como a neblina cai sobre elas... É como se elas fossem de um mundo completamente à parte.

Abri um sorriso sonhador.

— Gostaria muito de vê-las. Talvez fosse um bom momento para rodar o país, deixar seu povo vê-lo. Ostentar suas posses maravilhosas.

Ele estendeu a mão e enrolou uma mecha do meu cabelo no dedo.

— De fato, tenho algumas coisas belas, embora exista uma joia em Coroa que ainda anseio chamar de minha.

Mais um item na lista.

Baixei a voz para um sussurro.

— Eu iria a qualquer lugar com vossa majestade. Embora... — Espichei os olhos até meu pai. — Pai, você não teve problemas na estrada na última vez que foi para Bern?

Depois de engolir um bocado exagerado de comida, ele respondeu:

— Quebrei uma roda. As estradas são difíceis por lá.

— São? — Jameson perguntou.

Meu pai fez que sim com a cabeça, com o ar grave, como se tudo o que falasse com o rei tivesse a maior importância.

— Infelizmente, sim, majestade. Não há muita gente lá para fazer a manutenção. Estou certo de que existem muitas outras na mesma situação.

— Bom, então não será possível — eu disse. — Não gostaria que vossa majestade se machucasse. Talvez em outra oportunidade.

Jameson balançou o dedo.

— Quem foi mesmo?... Ah! Lorde Seema! — ele chamou.

Lorde Seema levantou a cabeça em meio à multidão e se apressou a se curvar diante do rei.

Me endireitei na cadeira quando Jameson começou a falar:

— Foi você que comentou algo sobre as estradas de Upchurch?

Lorde Seema correu os olhos entre Jameson e mim.

— Sim, majestade. Estão num estado de descaso considerável.

Jameson balançou a cabeça.

— Estou pensando em levar os Brite numa viagem pelo país, mas não poderei caso esta joia corra o risco de ficar em apuros na estrada.

— É verdade, majestade. Com vossa permissão, eu poderia formar um comitê e inspecionar as estradas. Depois, poderia preparar um orçamento adequado, se quiser. Sou um grande defensor da ideia de que todos os cidadãos de Coroa devem poder viajar com facilidade para onde quiserem, então ficaria feliz em supervisionar tudo pessoalmente.

— Permissão concedida — Jameson respondeu no ato. — aguardo seus relatórios.

Lorde Seema ficou parado, atônito.

— Sim. Sim, claro — gaguejou enquanto se afastava, ainda um pouco boquiaberto.

— Que divertido! — falei, quase cantando. — Finalmente verei todo o nosso grandioso país.

Jameson beijou minha mão.

— Toda a Coroa. Todo o continente, se quiser.

Outro item.

Voltei a apoiar as costas no assento e olhei para Delia Grace.

Ela ergueu a taça com um sorriso discreto.

— Impressionante.

— Obrigada.

Corri os olhos pela multidão e avistei Lorde Seema. Ele assentiu para mim, e retribuí da mesma forma. Talvez fosse capaz de fazer isso, afinal.

# Cinco

EM QUESTÃO DE DIAS, MEU MUNDO MUDOU POR COMPLETO. Jameson continuava a mandar flores e presentinhos para meu quarto sempre que julgava ter encontrado algo que fosse me agradar, mas agora os nobres também me deixavam presentes. Com tantas joias novas à disposição, realmente me tornei o que Jameson dizia que eu era: radiante como o sol. Duas camareiras foram destinadas ao meu serviço, e quando eu caminhava pelo palácio todos que passavam por mim abriam um sorriso, ainda que às vezes meio forçado. Eu não sabia se precisava agradecer ao Lorde Seema ou se as pessoas tinham finalmente notado meus esforços de ser encantadora e demonstrar o máximo de realeza quando estava ao lado de Jameson. Em todo caso, a atenção toda não me incomodava nem um pouco. Antes, eu achava que nada poderia ser mais divertido do que conquistar o coração de um rei, mas estava errada. Era muito mais emocionante conquistar o coração de inúmeras pessoas ao mesmo tempo.

Tais pensamentos preenchiam minha cabeça enquanto eu caminhava com Delia Grace em direção ao Grande Salão, cumprimentando os membros da corte e lhes desejando bom-dia. Jameson parecia pressentir quando eu entrava no ambiente, e concentrava toda a sua atenção em mim quando eu me aproximava. Eu agora era recebida com um beijo na bochecha bem diante dos olhos da corte sempre que aparecia. E, apesar de notar alguns olhares de censura quando isso acontecia, encarava mais como um desafio do que uma decepção.

— Recebeu minha carta? — ele perguntou.

— Está falando da página cheia da mais absoluta poesia que terminava com o pedido de que o encontrasse hoje de manhã? Sim, claro que recebi.

Ele riu.

— Você extrai de mim palavras que eu não sabia que existiam — ele confessou, sem aparentar a menor timidez ao fazer tal afirmação com tanta gente por perto. — Diga-me uma coisa, está tudo bem? O que achou das criadas? Gostou das roupas novas?

Dei um passo atrás para que ele pudesse contemplar o resplendor absoluto dos meus novos presentes.

— São as mais belas que já tive. E sim, as criadas ajudam bastante, obrigada. Como sempre, vossa majestade é generoso demais.

Ao ouvir isso, o rei mexeu as sobrancelhas.

— Esses presentes vão parecer pedregulhos quando...

Ele interrompeu sua fala ao som de passos apressados, e virei na direção de seu olhar. Um cavalheiro mais velho, um dos muitos conselheiros de Jameson, irrompeu no salão e curvou a cabeça.

— Perdoe-me, majestade. Temos aqui uma família de Isolte em busca de asilo. Eles vieram apresentar seu caso.

Era costume entre todos os reinos do continente pedir autorização do monarca antes de se instalar em seu território. Se uma família fosse pega

sem licença real, acabaria expulsa. Isso num dia bom. Eu já tinha visto o que acontecia em dias ruins quando o pai de Jameson, Marcellus, estava no trono.

O rei suspirou, aparentemente irritado por ter que interromper nossa conversa.

— Pois bem, faça-os entrar.

Depois, como se a ideia tivesse acabado de lhe ocorrer, voltou a olhar para mim.

— Lady Hollis, quer sentar para acompanhar o procedimento?

Ele gesticulou para o assento ao seu lado. O cavalheiro sentado ali, Lorde Mendel, correu os olhos entre nós dois.

— Majestade, eu...

Ao lado dele, Lorde Seema deu uma cotovelada discreta em seu braço. Lorde Mendel bufou, mas levantou, curvando-se para o rei e para mim. Agradecendo Lorde Seema com um aceno de cabeça, assumi meu lugar.

Lancei um olhar para Delia Grace, que demonstrava um orgulho silencioso de mim; ela sempre soubera, afinal de contas. Ouvi murmúrios descontentes alastrarem-se ao redor — sim, eu ainda tinha corações a conquistar —, mas concentrei a atenção em Jameson. Era uma oportunidade de provar exatamente do que era capaz. Eu sabia ser séria e inteligente se o momento o exigisse.

Endireitei-me ao máximo no assento, mantive o queixo baixo e a respiração lenta. Queria que todos me vissem como uma moça ponderada e capaz. Assim, talvez Jameson enfim decidisse fazer de mim sua rainha.

Um senhor e sua esposa entraram no salão, a mão dela graciosamente posta sobre a dele. Atrás vinham os quatro filhos, três meninos e uma menina.

Todas as crianças tinham a pele clara e o cabelo em tons variados de amarelo, ao passo que seus pais já começavam a ficar grisalhos. O menino mais novo estava nervoso e agarrava com força a mão da irmã, enquanto ela examinava o ambiente com olhos que sugeriam que estava à procura de algo.

O pai desceu o joelho ao chão, então se levantou e se apresentou ao rei. Ainda que não tivessem dito, era óbvio que vinham de Isolte. Ventos terríveis varriam a região no verão, e os invernos duravam bem mais do que em Coroa. Não seria de surpreender se contassem que lá ainda nevava um pouco. Por isso, os isoltanos passavam mais tempo dentro de casa, e as bochechas coradas de sol comuns em Coroa estavam ausentes naquela família.

— Bom dia, senhor — Jameson disse, convidando o homem a falar.

— Majestade, peço-lhe que perdoe nossa aparência modesta, mas viemos direto para cá — o pai disse humildemente.

Eu não chamaria a aparência deles de modesta. Cada membro da família estava coberto de veludo, e com sobra... o que me obrigou a apertar bem os lábios para não rir. Sério, quem tinha desenhado aquelas mangas? Seria possível fazer mais um vestido com o que sobrava nos braços. E os chapéus! Nunca havia entendido a moda de Isolte.

Na verdade, eu nunca havia entendido as pessoas de Isolte em geral. A expressão que mais me vinha à mente era “falta de originalidade”. Sim, eu tinha ouvido a respeito de suas grandes descobertas na astronomia e na fitoterapia, e que os remédios desenvolvidos por seus médicos vinham beneficiando muito a população do país. Mas a música que compunham era sem graça, as danças eram cópias das nossas e muito de suas outras tentativas de arte eram formas modificadas de algo já visto em outros lugares. A moda parecia seu maior esforço de criar algo que ninguém fizera ainda. Mas por que alguém faria aquilo?

— Viemos apelar à sua misericórdia para que nos permita viver em sua terra, oferecendo-nos asilo do nosso rei — o pai continuou, num tom que revelava seu nervosismo.

— E de onde o senhor vem? — Jameson perguntou, embora soubesse a resposta.

— De Isolte, majestade.

— Qual seu nome?

— Lorde Dashiell Eastoffe, majestade.

Jameson fez uma pausa antes de falar.

— Conheço esse nome — murmurou, com a testa franzida. Assim que a lembrança veio à tona, encarou os visitantes com um misto de desconfiança e pena. — Compreendo por que desejam sair de Isolte. Ah, Hollis — ele disse, voltando-se para mim com um brilho jocoso no olhar —, você se lembra de agradecer aos deuses por ter a mim como rei em vez daquele grosseiro do Quinten?

— Agradeço aos deuses por tê-lo como rei em vez de *qualquer* outro, majestade — respondi com uma piscadela charmosa, mas realmente agradecia aos céus por Jameson. Ele era mais jovem e mais forte do que qualquer outro rei do continente, muito mais bondoso que o pai e bem menos genioso que outros líderes de que eu tinha ouvido falar.

Jameson riu baixo.

— Se eu estivesse na sua situação, também teria fugido, senhor. Muitas famílias decidiram imigrar para Coroa nos últimos tempos.

De fato, havia uma família de imigrantes morando no castelo, mas eu nunca a vira.

— Isso me faz pensar no que o bom e velho rei Quinten anda aprontando para provocar tanto medo em seus súditos — Jameson concluiu.

— Trouxemos um presente para vossa majestade — Lorde Eastoffe disse, mudando de assunto. Ele acenou com a cabeça para o filho mais

velho, que se pôs à frente, ajoelhou-se diante do rei e estendeu-lhe um embrulho comprido de veludo.

Jameson desceu os degraus da plataforma até o jovem e abriu o embrulho. Ali dentro havia uma espada de ouro com o cabo cravejado de joias. Quando o rei a ergueu, o sol de primavera refletiu na lâmina e me cegou por um instante.

Depois de inspecionar a espada, Jameson tomou na mão uma mecha do longo cabelo do rapaz e a cortou com seu presente. Rindo, porque a lâmina correria com facilidade, ele voltou a erguer a espada.

— É impressionante, senhor. Nunca vi nada igual.

— Obrigado, majestade — Lorde Eastoffe disse, agradecido. — Mas infelizmente não mereço o crédito. Sou nascido e criado cavalheiro, mas meu filho escolheu esse ofício para poder se sustentar com ou sem terras.

Jameson baixou os olhos para o rapaz cujo cabelo aparara com tanta graça.

— Foi você quem fez a espada?

Ele confirmou com a cabeça, mantendo os olhos baixos.

— Como eu disse, é impressionante.

— Majestade — Lorde Eastoffe começou —, somos gente simples, sem ambições, e fomos forçados a abandonar nossa propriedade por causa de graves ameaças contra nossa terra e nossa vida. Pedimos apenas para nos instalarmos aqui em paz. Juramos jamais erguer a mão contra um coroano e nos juntar ao serviço fiel que seu povo lhe presta.

Jameson desviou o rosto, e seus olhos passaram de pensativos a concentrados ao pousar em meu rosto. Ele abriu um sorriso largo, de repente aparentando estar demasiado satisfeito consigo mesmo.

— Lady Hollis, essas pessoas vieram aqui em busca de refúgio. O que diria ao apelo deles?

Com um sorriso, voltei-me para a família. Meu olhar correu curioso pelos filhos mais novos e a mãe, então se deteve no filho mais velho. Ele ainda estava de joelhos, com o veludo do presente nas mãos. Seus olhos cravaram-se nos meus.

Por um instante, o mundo parou. Fiquei completamente perdida naquele olhar, incapaz de desviar o rosto. Os olhos dele eram de um azul chocante: uma cor por si só bastante rara em Coroa, mas que no caso dele eu jamais tinha visto igual. Não era do tom do céu ou da água. Eu não tinha palavras para descrever. Aquele azul me tragou e se negava a me soltar.

— Hollis? — Jameson chamou.

— Sim? — respondi, ainda incapaz de desviar os olhos.

— O que você diria?

— Ah! — Pisquei e voltei ao momento presente. — Bom, eles vieram com toda a humildade, e demonstraram que vão contribuir com nossa sociedade através de seu ofício. E o mais importante é que escolheram o melhor dos reinos para se instalar, oferecendo sua dedicação ao maior dos reis vivos. Se coubesse a mim decidir... — olhei para Jameson — deixaria que ficassem.

O rei sorriu. Parecia que eu tinha passado no teste.

— Bom, aí está — ele disse aos isoltanos. — Podem ficar.

Os membros da família Eastoffe se abraçaram cheios de alegria. O jovem curvou a cabeça para mim, e retribuí o gesto.

— Uma família do seu... *calibre* deve permanecer no castelo — Jameson ordenou com palavras que soaram mais como um alerta do que um convite, embora eu não tivesse compreendido o motivo. — Pelo menos por enquanto.

— Claro, majestade. Ficarei extremamente feliz de permanecer onde quer que determinar — Lorde Eastoffe respondeu.

— Leve-os para a ala sul — Jameson ordenou a um guarda, acenando com a cabeça. Os isoltanos fizeram uma leve reverência antes de se virar para sair.

— Hollis — o rei sussurrou ao meu lado —, você agiu muito bem, mas tem que se acostumar a pensar rápido. Precisa estar pronta quando lhe peço para falar.

— Sim, majestade — respondi, lutando para não corar.

Ele se virou para falar com um de seus conselheiros, ao passo que voltei o olhar para o fundo do salão, para observar a família Eastoffe. Ainda não sabia o nome do filho mais velho, mas ele me lançou um olhar por cima do ombro e sorriu de novo.

Uma breve onda daquilo que me havia feito sustentar seu olhar antes percorreu meu corpo, e senti uma leve pontada no peito dizendo para seguir aqueles olhos. Mas ignorei. Se havia algo que eu sabia como coroana, era que não devia confiar no azul isoltano.

# Seis

— AGORA QUE ISSO ESTÁ RESOLVIDO, TENHO ALGO PARA LHE mostrar — Jameson sussurrou no meu ouvido.

Voltei-me para aqueles olhos cheios de um entusiasmo malicioso e lembrei que estava ali a seu convite. Agradei por ter uma coisa — qualquer coisa — para me distrair daquela sensação estranha que vibrava em meu peito.

Tomei a mão de Jameson, grata. Assim que os dedos dele enlaçaram os meus, seu rosto perturbou-se.

— Está tremendo. Está passando mal?

— Não sei como consegue lidar com todos esses olhos em vossa majestade o tempo todo — respondi, arranjando uma desculpa. — Precisa tomar tantas decisões, e tão rápido.

Seus olhos se iluminaram de sabedoria enquanto ele me conduzia para a beirada da plataforma.

— Tive a imensa sorte de ter meu pai como excelente professor. Minha noiva, quem quer que seja, terá que fazer o máximo para

aprender comigo o ofício de governar.

— Não é uma tarefa qualquer, majestade.

Ele sorriu.

— Não. Mas tem suas recompensas.

Esperei que continuasse falando, mas Jameson seguia olhando para a frente.

— Majestade?

Ele continuou a sorrir e a me ignorar.

Descemos os degraus, e respirei fundo ao notar que Jameson me conduzia para uma das portas à frente do Grande Salão. Troquei um olhar com ele quando os guardas nos deixaram passar. Nunca tinha estado ali antes. Os aposentos do rei — seu espaço particular, os cômodos usados para orações e as salas que ele destinava aos integrantes de seu conselho privado — estavam separados do resto do palácio pelo Grande Salão, o que permitia a Jameson fazer entradas triunfais e ainda facilitava sua segurança.

— Majestade, aonde estamos indo?

— A lugar nenhum — ele disse, despretensioso.

— Com certeza não é lugar nenhum — insisti, já fervilhando por dentro.

— Certo. É um lugar a que tenho pensado em trazê-la desde a noite em que nos conhecemos propriamente.

Revirei os olhos.

— Refere-se ao momento em que passei a maior vergonha da vida?

Ele riu.

— Ao momento em que se tornou a moça mais encantadora de Coroa inteira.

— Devo dizer que fico muito feliz em saber que eu trouxe um pouco de alegria à sua vida — reconheci. — Nem toda dama pode dizer que fez um rei rir.

— No meu caso, nenhuma outra dama da corte poderia dizer isso. Você é a única, Hollis. Todas as outras querem alguma coisa. Já você dá cada vez mais. — Ele levantou minha mão para beijá-la. — Por isso é um prazer lhe dar algo em troca.

Passamos por mais duas duplas de guardas antes de chegarmos ao cômodo que Jameson queria me mostrar. Um dos guardas sacou uma chave especial e nos entregou uma lanterna.

— Já há algumas lanternas lá dentro — Jameson me garantiu —, mas como não há janelas, toda luz ajuda.

— Está me levando ao calabouço? — brinquei, fingindo medo.

Ele riu.

— Hoje não. Venha. Acho que, um dia, esse pode acabar sendo seu cômodo favorito do castelo.

Mais um item na lista.

Hesitante, passei pelas portas ao lado dele. Assim que meus olhos se ajustaram à pouca luz, esqueci completamente como respirar.

— Alguns desses itens são meus — ele começou. — Certamente reconhece o selo que usei no dia da minha coroação. Estes anéis aqui usei várias vezes. E aqui...

— A coroa de Estus — suspirei, completamente atônita. — É ainda mais bonita de perto.

Contemplei aquela obra de arte por um longo tempo, sentindo lágrimas se acumularem no canto dos olhos. Mais de sete gerações antes, Coroa vivia uma guerra civil constante pelo poder. Governantes surgiam e eram derrubados em poucos anos, e o país continuava dividido por dentro e indefeso perante invasores que quisessem conquistar nossa terra. Por fim, o clã Barclay — os mesmos Barclay de quem Jameson era descendente — conquistou o que restava de seus inimigos e, apesar da luta brutal, o povo agradeceu por ter um líder definido. A população juntou o ouro e as joias que conseguiu para forjar

uma coroa. Um clérigo a abençoou, e todos vieram assistir à coroação do rei Estus Barclay e conceder-lhe o direito de governá-los.

A coroa de Estus só era exibida uma vez por ano, no Dia da Coroação. Apenas aqueles com a sorte de ter nascido em família nobre conseguiam vê-la, e de relance.

— Majestade, muito obrigada. Deve confiar muito em mim para me deixar chegar tão perto de algo tão especial. Não me sinto merecedora. — Eu mal conseguia expressar a emoção que sentia, mas sabia o privilégio que aquele momento significava.

Voltei-me para ele com a visão ainda embaçada pelas lágrimas.

Jameson tomou minha mão e a beijou novamente.

— Confio mesmo em você, Hollis. Como já disse, você se doa o tempo inteiro. Doa seu tempo e seu carinho, seu riso e sua atenção. Já me deu mil presentes assim. É por isso que devo dizer que o que pretendia mostrar não era a coroa de Estus... Era isto aqui.

Ele apontou para a parede à minha esquerda, repleta de prateleiras com ainda mais joias. Cordões de safira e rendas de diamantes se estendiam diante de mim. A sala não precisava de janelas: a pouca luz que tínhamos bastava para fazer as peças nos ofuscarem com seu brilho.

— Estas são as joias da rainha. Todo ano os reis de Coroa e Isolte se encontram para renovar nosso acordo de paz. O rei Quinten virá para sua visita anual no fim da semana, e quero você à altura da realeza.

Parte de mim quis desmaiar. Parte de mim desejou que meus pais estivessem ali para ver aquilo. Mas todas as outras partes queriam usar aquele colar de pedras rosadas e diamantes.

Me aproximei dele, com medo até de apontar para qualquer uma daquelas joias maravilhosas.

— Tem certeza? Sei como são preciosas.

— Não confiaria essas joias a qualquer outra pessoa. E, para ser sincero, desde aquela noite no baile eu a imagino com uma dessas

preciosidades no pescoço. — Ele estendeu o braço na direção das prateleiras de joias, como se me oferecesse todas elas.

Satisfeita, apertei os lábios e estendi a mão para tocar de leve as pedras lisas e frias, de um tom entre o vermelho e o rosa.

— Este aqui.

— Perfeito.

A emoção de saber que ia usar uma joia feita para uma rainha percorreu meu corpo. Virei para Jameson e joguei os braços ao redor dele.

— Vossa majestade é bondoso demais comigo.

— Está feliz?

— Quase feliz demais — respondi, agarrando-o com força. Foi quando me dei conta de algo. — Majestade. Nunca ficamos completamente a sós antes.

Ele sorriu.

— Bom, você é uma moça muito virtuosa. Nem sei como consegui escapar com você agora.

— Vossa majestade é bem esperto.

Por estarmos tão próximos, e sozinhos, e absortos em nosso próprio mundo, quando ele se inclinou para me dar um beijo, eu me entreguei. Ser finalmente beijada era uma coisa maravilhosa, e ser beijada por um rei era ainda mais arrebatador. Jameson me puxou para si, com a mão no meu queixo, e se afastou quando julgou que o beijo já tinha durado o bastante.

Algo mudou em seus olhos, como se ele tivesse chegado a uma decisão. Quando falou, seu tom era muito sério.

— Você precisa se preparar, Hollis. Passaremos por muitas mudanças.

Engoli em seco.

— Nós dois, majestade?

Ele fez que sim.

— Ao longo das próximas semanas pretendo mostrar a todo o país o quanto a adoro. E isso implicará muitas coisas. Alguns vão lhe implorar favores; outros vão amaldiçoar seu nome. Mas nada disso importa, Hollis. Quero que seja a minha noiva.

Precisei juntar toda a minha força para conseguir ao menos sussurrar uma resposta.

— Eu ficaria honrada... mas receio não ser digna.

Ele balançou a cabeça e, com cuidado, ajeitou um cacho solto do meu cabelo atrás da minha orelha.

— Acho que muitas das que entram na realeza por casamento se sentem assim, mas não precisa se preocupar. Pense na minha bisavó Albrade. Dizem que estava pálida como uma isoltana quando pronunciou os votos — ele brincou —, mas veja só a lenda em que se transformou.

Tentei sorrir, mas era difícil me imaginar fazendo algo tão corajoso como vencer uma guerra.

— Não sou guerreira — repliquei, humildemente.

— Nem quero que seja. Tudo o que peço é que seja o que já é. É essa doce Hollis que eu amo.

*Que eu amo, que eu amo, que eu amo...*

As palavras ecoaram em meu coração, e desejei uma maneira de guardá-las numa garrafa. Jameson teve a gentileza de me dar mais um momento para me recuperar antes de prosseguir.

— Cresci sem irmãos. Tanto meu pai como minha mãe morreram cedo demais. Mais do que qualquer outra coisa, você me deu a companhia que sempre desejei na vida. Isso é tudo o que lhe peço. Qualquer expectativa que os outros tenham é supérflua. Se acha que é capaz de ser feliz como minha companheira neste mundo, tudo ficará bem.

Ele falava com tanta sinceridade, com tanto sentimento, que meus olhos marejaram mais uma vez. Seu carinho era esmagador, e quando olhei em seus olhos, a poucos centímetros dos meus, acreditei ser capaz de enfrentar qualquer tarefa que recaísse sobre mim, desde que estivesse ao lado dele.

Era uma sensação tão estranha, tão nova. Naquele instante, tive certeza de que era amor. Não sentia apenas as pernas vacilarem, mas ele me inspirava uma determinação inflexível... Tudo isso era algo de que só Jameson era capaz.

Fiz que sim com a cabeça. Foi só o que consegui. Mas para ele, era o bastante.

— Peço que guarde segredo por enquanto. Os lordes ainda estão tentando me convencer a me casar com a princesa de Bannir para preservar a fronteira, mas não consigo aceitar a ideia. Preciso de tempo para convencê-los de que nós dois somos capazes de garantir a segurança de Coroa sozinhos.

Fiz que sim com a cabeça mais uma vez.

— Farei o mesmo.

Ele parecia a ponto de me beijar de novo, mas pensou melhor.

— Preciso levá-la de volta antes que alguém encontre nisso uma brecha para questionar sua honra. Venha, doce Hollis, vamos enfrentar a loucura.

Quando as portas se abriram para o Grande Salão, corei ao ver os olhos de todos recaírem sobre nós. Meu coração vibrava impiedosamente, e me perguntei se eles eram capazes de ver.

Capazes de ver que ali estava sua rainha.

# Sete

AO LONGO DOS DIAS SEGUINTEs, DELIA GRACE ME PERSEGUIU incansavelmente. Eu às vezes cantarolava como se não tivesse escutado sequer uma palavra do que ela dizia, ou me ocupava de outra tarefa completamente diferente, sempre com um sorriso no rosto. Naquele dia, me debruçava sobre o bordado de um vestido novo. No entanto, por mais que tentasse manter a concentração, não podia ignorar Delia Grace por tanto tempo.

— Por que você não me conta ao menos o que viu?

Eu ri.

— Não vi nada além de uma série de cômodos. A diferença é que Jameson mora neles.

— E por que demoraram tanto?

Eu puxava o fio dourado com cuidado, para manter meu bordado perfeito.

— Só nos ausentamos por cinco minutos.

— Quinze!

Olhei chocada para ela atrás de mim.

— Com certeza não.

— Eu estava lá fora, esperando com o resto da corte. Posso garantir que todos estávamos marcando o tempo.

Balancei a cabeça, sorrindo.

— Vai saber de tudo logo.

— Vocês se casaram?

Quase espetei o dedo.

— Faz um conceito tão baixo de mim? Sendo com um rei ou não, um casamento sem testemunha é tão ruim quanto fugir. Acha mesmo que Jameson mancharia minha reputação desse jeito?

Ela ao menos teve a decência de parecer sentida.

— Não. Desculpe, Hollis. Mas por que não me conta a verdade?

— Será que não posso fazer surpresa de vez em quando? Ou ter um segredo? Os céus sabem como é difícil guardar segredos na corte.

Ela revirou os olhos.

— Bom, se isso não é verdade, não sei o que é. — Com um suspiro, ela se aproximou e pôs as mãos nos meus ombros. — Se algo importante acontecer, vai me contar, não vai?

— acredite, eu queria poder contar tudo — respondi, voltando para o bordado. O vestido estava ficando bem bonito, e era uma novidade bem-vinda ter outra coisa com que ocupar a cabeça.

— Só me diga uma coisa: as coisas estão caminhando como eu desconfiava?

Apertei os lábios e a olhei de soslaio. O sorriso que me deu em resposta bastou.

— Muito bem — ela disse. — Você vai precisar de damas de companhia.

Soltei o vestido.